

PRÁTICAS COMPLEMENTARES DE CURA NA AMAZÔNIA MARABAENSE: o caso da “ayahuasca”

Alana Pereira da Silva¹
 Vitoria Oliveira da Silva²
 Raíssa Ladislau Leite³
 Majin Bootte Silva dos Santos⁴

RESUMO

A “ayahuasca” é um “chá” produzido com as plantas “cipó” e “rainha” e ritualmente ingerido em diversas amazônias. Segundo a bibliografia especializada, o seu uso é de origem indígena, mas foi apropriado e ressignificado por outros grupos como as religiões ayahuasqueira. A nossa proposta foi observar uma prática complementar de cura com essas duas plantas. Nos atentamos às percepções de “cura” de frequentadores de duas “igrejas” do Santo Daime no município de Marabá (PA). Para captar essa prática terapêutica com a “ayahuasca”, metodologicamente, fizemos uma observação participante e entrevistas às interlocutoras antes e durante a pandemia de Covid-19 — após regulamentação das regras sanitárias. Segundo as percepções, a dualidade entre corpo-ambiente não existe e é o que garante aprender os ensinamentos das plantas e experimentar o seu “poder”. Desse modo, as interlocutoras habilidosas em práticas de cura com plantas medicinais sustentam a sua melhora e garantem a transmissão do conhecimento ancestral.

Palavras-chave: Saber; Conhecimento; Saúde; Ayahuasca.

ABSTRACT

“Ayahuasca” is a “tea” produced with “vine” and “leaf” plants, ritually ingested in several Amazonian regions. According to the specialized bibliography, its use is of indigenous origin, but it has been appropriated and resignified by other groups. Our proposal was to observe a complementary healing practice with these two plants. We pay attention to the perceptions

¹ Mestranda em Antropologia Social (UFPA); Bacharela em Ciências Sociais (UNIFESSPA); Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5541627499927594>>. E-mail: alanapereirasilva06@gmail.com.

² Licencianda em História (UNIFESSPA); Currículo Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/3835418204174776>>. E-mail: vitoria.history@gmail.com.

³ Mestra em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (UNIFESSPA); Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UNIFESSPA); Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0294843042855392>>. E-mail: ladisla_cs@outlook.com.

⁴ Doutoranda em Antropologia Social (UFPA); Mestra em Antropologia (UFPA); Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UNIFESSPA); Bolsista CAPES. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3889204648202479>>. E-mail: mrc7santos@gmail.com.

of “healing” of people who attend two “churches” of Santo Daime in the municipality of Marabá (PA). In order to capture this therapeutic practice with “ayahuasca”, methodologically, we carried out a participant observation and interviews with the interlocutors before and during the Covid-19 pandemic — after the regulation of health rules. According to perceptions, the duality between body and environment does not exist and is what guarantees learning the teachings of plants and experiencing their “power”. In this way, the skilled interlocutors in healing practices with medicinal plants support their improvement and guarantee the transmission of ancestral knowledge.

Keywords: Know; Knowledge; Health; Ayahuasca.

INTRODUÇÃO

Aqui observamos o uso da “ayahuasca” em duas “igrejas” do Santo Daime no município de Marabá (PA) entre 2019 e 2022. As pesquisas de campo foram realizadas em momentos distintos⁵, que antecederam e foram suspensas pela pandemia de Covid-19. Os meios de comunicação veicularam novas regras sanitárias: isolamento social, uso de máscaras e álcool em gel nas mãos. O isolamento impediu as reuniões para uso da “ayahuasca”, mas o prefeito de Marabá decretou⁶ ainda no primeiro semestre de 2020 a volta de “eventos religiosos presenciais com público de até 30% (trinta por cento) a capacidade do local” (Marabá, 2020). Assim, voltamos à pesquisa de campo respeitando as novas regras sanitárias.

O “cipó” jagube e a folha da chacrona chamada no Daime de “Rainha” são as plantas medicinais das quais fazem a “ayahuasca” – ou o daime –, considerado um “remédio” que atende às necessidades de quem o bebe. Ao longo da observação-participante demos atenção para aquelas interlocutoras mulheres cisgêneras que experimentaram a “cura” no Santo Daime, sobretudo, durante a pandemia. Utilizamos a categoria cisgênera enquanto operador analítico. Ela se refere a

“uma pessoa na qual o sexo designado ao nascer + sentimento interno/ subjetivo de sexo + gênero designado ao nascer + sentimento interno/subjetivo de gênero, estão ‘alinhados’ [...] O alinhamento cis envolve um sentimento interno de congruência entre seu corpo (morfologia) e seu gênero, dentro de uma lógica onde o conjunto de performances é percebido como coerente. Em suma, é a pessoa que foi designada “homem” ou “mulher”, se sente bem com isso e é percebida e tratada socialmente (medicamente, juridicamente, politicamente) como tal (KAAS, 2012 *apud* HINING e TONELLI, 2022)

Como será visto nos desenhos produzidos a partir de entrevistas com Carol, a “ayahuasqueira” (como se autodefine), e com Camila, “daimista” (como se autodefine), as usuárias da “ayahuasca” interagem com as plantas medicinais em busca de saberes de “cura”; em detalhe, instruções para restaurar o “equilíbrio” do corpo, do espírito ou ambos. Os desenhos são criações das autoras, que conviveram nas “igrejas” em contextos de colheita das plantas, preparação e ingestão do “chá”. Sinalizamos outras pesquisas que também utilizaram desenhos etnográficos como estratégia

⁵ incontáveis, já que duas das autoras são adeptas do Santo Daime. Assim, no mínimo duas vezes por mês elas se reuniam na “igreja” com as demais adeptas para ingerir a “ayahuasca”. Sem falar nas outras reuniões em grupo com outras finalidades.

⁶ Decreto nº 61, de 18 de junho de 2020. Acesso em: Decreto-nº-61-2020-1.pdf (maraba.pa.gov.br).

de descrição (COELHO, 2020; COELHO e VILLACORTA, 2019; SILVA, 2020). Assim, captamos as percepções de usuárias da “ayahuasca” acerca da “cura”, isto é, da melhora em relação aos sintomas de adoecimento.



MOVIMENTO

No Santo Daime, definido como xamanismo coletivo ou contemporâneo (COUTO, apud FERNANDES, 2018, p. 296, a cura se dá pela via do autoconhecimento. Maria Albuquerque (2009) explica que os saberes mediados pela “ayahuasca” são utilizados para finalidades de cura e configuram uma experiência de aprendizagem cujo mestre não é um humano, mas uma planta. Por isso, o seu uso é uma “heresia epistemológica”. No caso observado por nós, além disso, a “cura” não é um processo isolado. Ela depende da capacidade humana de agir em conjunto com o poder das plantas. O elo entre as duas agências é a fé, isto é, “acreditar” que a “cura” é possível.

No caso da “ayahuasca”, ela pode ensinar a “cura”. O processo de aprendizagem através da experiência com ela “é uma forma radical de possibilidade de um ensinamento que estilhaça a lógica cartesiana” (ALBUQUERQUE, 2009, p.15). Nessa “ecologia de conhecimentos” demonstrada pela autora, a “ayahuasca” participa da transmissão de saberes cognitivos, morais, artísticos, medicinais e da reeducação alimentar. Essas qualidades são percebidas como potências de cura.

Essa representação de “cura” também foi observada em nossa pesquisa de campo. Na figura 01, a seguir, a folha verde de qualquer planta com potencial de cura age complementada por uma dieta que garanta a funcionalidade do corpo humano. O desenho reconhece a relação entre o ser humano e as plantas, manipuladas para a forma de chás e infusões, que facilitam a “cura”.

Figura 01: A cura em movimento



Fonte: Raissa Leite

Além disso, também se questiona o movimento de entender a floresta como um lugar de poder de cura de “doenças”, ou seja, de restaurar o “equilíbrio”. A “ayahuasca” foi “mostrando que a cebola e o alho vão me ajudar” (Carol, 2019). Segundo ela, há uma autonomia humana para acatar as

indicações. Aí começa o “acreditar” no poder e no que elas ensinaram. Além do saber vivido da “ayahuasca”, existem ocasiões em que a noção de alteridade é ampliada a ponto de permitir o contato com espíritos curadores (ALBUQUERQUE, 2009, p. 09).

Eu, Raíssa, autora do desenho acima, escrevo “movimentos” porque esta palavra transparece possibilidades, uma das ideias centrais destacadas pela interlocutora Carol. Segundo ela, não podemos nos limitar a olhar para a realidade humana apenas de um ponto de vista. “Movimento” carrega um sentido de diversidade, por isso as várias formas e cores em volta de uma folha verde. A “ayahuasca” mostra o conteúdo, o movimento a ser aprendido e aplicado para “continuar existindo” na terra, nossa mãe e de onde fomos desconectadas. Deste modo, as plantas e as suas usuárias tem agência nas práticas complementares de cura.

Segundo Camila, outra interlocutora, ela quase foi internada após complicações dos sintomas da Covid-19. Ao invés da internação em um hospital convencional, ela preferiu ir para o “salão” da “igreja” que frequenta. Seu corpo ficou tão debilitado que ela não conseguia caminhar por causa da respiração insuficiente. Carregada nos braços de um parente até o “salão”, Camila bebeu um “copão de daime”, deitou no chão e pediu por “cura”. Algum tempo depois, ela diz ter sentido uma mão circulando pelo seu corpo, em uma movimentação que a fez sentir a doença sendo retirada. Ela permaneceu no “salão” até se levantar e caminhar sozinha até onde estavam os seus pais e demais familiares. Enquanto sob efeito do “remédio”, ela “recebeu as instruções”⁷ acerca do que fazer dali em diante. Esta experiência condiz com o Decreto de funcionamento de uma das “igrejas” observadas, assim parafraseado: será feito aqui um trabalho de cura ou esclarecimento sobre uma enfermidade. O teor e quantidade de “instruções” variam conforme a necessidade determinada pelos espíritos. Algo comum entre as experiências das interlocutoras é a fé, isto é, “acreditar” no poder das plantas testemunhado por aquelas que atingiram o bem-estar.

A figura a seguir representa o que eu, Vitória, pude captar das entrevistas e observação participante. Destaco a folha da “rainha” e do “cipó”; no canto inferior direito, ao seu lado direito, o “chá” Santo daime/ayahuasca em conexão com uma ser humana. Nesse momento se transforma em um emaranhado de cores, que são as informações transmitidas na fricção. “É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (KRENAK, 2019, p. 13) e com “ayahuasca”. Em posse dessas informações, a usuária olha para o ambiente e para si através de um espelho (centro da imagem). As informações veiculadas compõem esse ambiente e também ajudam na melhoria do seu corpo. Assim

⁷ Uma vez que a ayahuasca é uma planta professora que instrui o humano sobre os processos de cura (ALBUQUERQUE, 2009).

ela reconhece o que é necessário “para sua existência” naquele momento. A figura 02 representa os conhecimentos tradicionais, o saber das plantas, o saber científico, as vacinas e a saúde.

Figura 02: “ayahuasca” e a pandemia



Fonte: Vitória Silva

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos a pesquisa com a hipótese de que a “ayahuasca” era a única agente no processo de “cura”. Mas, as plantas medicinais agem combinadas com a usuária. Ambas são agentes. Escrevemos sobre essa combinação de agências em uma prática de uso de plantas medicinais da Amazônia marabaense. No percurso, nos guiamos pela pergunta: qual é o potencial terapêutico da “ayahuasca”? – para além do que as neurociências, a farmacologia e a psicologia têm falado? Como resultado, observamos a “ayahuasca” ensinando caminhos ao bem-viver para quem experimenta o seu “poder”. Ela é a “cura” que está na floresta. Destacamos a agência das usuárias, que equivale à das plantas, dentro do seu próprio processo de “cura”. Isso porque as “instruções” e o objetivo do bem-estar perdem o sentido sem a agência humana. O uso da “ayahuasca” enquanto prática complementar de cura é uma saída para os seres humanos estarem no ambiente e interagirem com os demais organismos. Desta forma, o seu potencial terapêutico é inegável.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, M. 2009. *Uma heresia epistemológica: As plantas como sujeitos do saber*. Publicação seriada do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Oficina nº328.
- Coelho, M, Villacorta, G. 2019. *Percepção Sagrada do Ambiente Mundo Entre Os Ayahuasqueiros do Centro de Unificação Rosa Azul*. XIII Reunião De Antropologia do Mercosul: Porto Alegre.
- Coelho, M. 2020. *O Desenho-Xamã no Ambiente-Mundo Ayahuasqueiro: Experimentos etnográficos com o Centro de Unificação Rosa Azul*. Dissertação de Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA-UFPA), Pará.
- Fernandes, S. 2018. Xamanismo e neoxamanismo no circuito do consumo ritual das medicinas da floresta. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 24 (51): 289-314.
- Hining A, Toneli M. 2022. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. In: *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 31(1): 1-15.
- Krenak, A. 2019. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora: Companhia das Letras.
- Prefeitura de Marabá. Decreto municipal. Disponível em: <https://maraba.pa.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Decreto-n%C2%BA-61-2020-1.pdf>.
- Silva, A. 2020. *Transgeneridade e Santo Daimé: As (Im)Possibilidades de uma busca espiritual daimista*. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais (Unifesspa).